

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

E as crianças, Senhor?!

Andamos todos focados na procura de medidas de protecção aos idosos e esquecemos as crianças.

O que se está a passar na nossa sociedade, ocupada com tantas dificuldades do dia-a-dia, desconvoca-nos a todos para os problemas das nossas crianças e dos jovens, cada vez mais atraídos por um mundo longe dos adultos.

O mundo virtual está a dominar as vidas das crianças e jovens, provocando distorções graves nas famílias e no ambiente escolar.

Quando os adultos - pais, professores, tutores ou família - desligam-se dos problemas actuais das crianças, então é mais que certo que temos uma sociedade doente.

As redes sociais e todos os instrumentos digitais onde gera a obscuridão, invadem as crianças e jovens com uma facilidade que precisa de mais atenção por parte dos familiares.

Quando a sociedade não cria regras para estes escapes do mundo global, há quem se aproveite para os piores crimes que se podem cometer contra as faixas mais desprotegidas, como as crianças e jovens.

Todos os dias surgem notícias deste descontrolo, com a agravante de muitas delas não chegarem ao conhecimento público por pudor e vergonha de muitas famílias.

Só um exemplo: Há poucos dias soubemos, via Ministério Público, que entre novembro de 2016 e maio de 2017, um homem criou perfis falsos de Facebook, identificando-se com fotografias de jovens do sexo masculino e feminino, com nomes fictícios, e pediu amizade naquela rede social a crianças do sexo feminino, com idades não superiores a 15 anos.

O homem estabelecia uma relação de confiança com os menores, permitindo-lhe manter e desenvolver conversas de cariz sexual e exigir o envio de fotografias dessas jovens total ou parcialmente sem roupa e a exibir os órgãos genitais.

Tudo isto aqui nos Açores.

Conta o Ministério Público que o homem explorava a ingenuidade e imaturidade das vítimas, tentando obter informações sobre a sua intimidade sexual e fotografias pessoais, com o intuito de posteriormente as ameaçar de divulgar a terceiros essas conversas e imagens, causando-lhes assim angústia, medo e aflição, caso as menores não acedessem às suas ordens no sentido de lhe enviarem mais imagens e vídeos com nudez parcial ou total.

Não aconteceu apenas a duas ou três crianças.

Foram mais de 30!

Outro exemplo que devia preocupar toda a sociedade - civil e política - é a circulação quase banal das mais variadas substâncias ilícitas entre os jovens

destas ilhas.

É impressionante a facilidade com que os jovens tomam contacto, no dia-a-dia, com todo o tipo de drogas - leves, pesadas ou sintéticas - para não falar na ingestão de álcool em locais públicos de festas, festivais, afins e até na via pública.

É por isso que não surpreendem os dados divulgados no estudo promovido pelo Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências (ICAD), tão claros com um valente soco no estômago: os Açores lideram as taxas do país no consumo de drogas ilícitas entre jovens, o mesmo acontecendo no aumento do consumo de sedativos anfetaminas/metanfetaminas, alucinogénios, cocaína e heroína!

Ninguém se comove com isto?!

O Observatório da Saúde Psicológica e do Bem-Estar (OSPBE) acaba de publicar um estudo sobre a situação dos jovens alunos portugueses. De acordo com os resultados, dos 3.083 alunos avaliados do 2.º ciclo ao secundário, cerca de um quarto relata que a vida em geral mudou para pior.

Os mais novos tendem a achar mais frequentemente que a vida piorou e ainda não recuperaram da pandemia, enquanto os mais velhos mostram uma maior tendência para considerar que a vida mudou pouco e, em alguns casos, até melhorou.

Socorro-me, ainda, do noticiado sobre o assunto: entre outros aspectos avaliados, o relatório revela que a maioria dos alunos a partir do 2.º ciclo está satisfeita com a vida, mas essa satisfação tende a diminuir ao longo da idade e é mais predominante entre os rapazes do que entre as raparigas.

A mesma tendência reflete-se quando os investigadores olham para sintomas psicológicos, em que mais de um quarto dos alunos refere sentir irritação ou mau humor (30,2%), nervosismo (32,2%) e dificuldades em adormecer (27,3%). Há ainda 21,2% dos alunos que reportaram sentir tristeza.

No caso dos sintomas de depressão, stresse e ansiedade, tendem a agravar ao longo da idade, ainda que não de forma tão acentuada como no estudo anterior, e são mais frequentemente reportados pelas raparigas.

A medida que a idade aumenta, tendem também a diminuir os níveis de optimismo, controlo emocional, resiliência, confiança, curiosidade, sociabilidade, persistência, criatividade, energia, cooperação e autocontrolo.

Tudo isto são sinais preocupantes. Um dia destes será necessário um Ministério ou uma Secretaria Regional inteiramente dedicadas às crianças. Não estaremos muito longe.

Até porque já há um partido dedicado aos animais e os políticos passam horas, no parlamento, a discutir medidas para a sua protecção.

E as crianças?

É mais compensador arrendar lojas do que casas em Ponta Delgada

Ao contrário da maioria das cidades do país, em Ponta Delgada é mais compensador arrendar lojas do que casas.

Segundo a plataforma imobiliária idealista, ao analisar as rendas das lojas e das casas nas 20 capitais de distrito portuguesas, conclui-se que é mais compensador arrendar uma habitação do que um espaço comercial na sua maioria (13 cidades).

Há, contudo, 10 grandes cidades onde é mais rentável aos proprietá-

rios continuar a arrendar os escritórios, uma vez que as rendas das casas são inferiores.

Por exemplo, em Ponta Delgada o arrendamento de uma habitação teve o custo mediano de 10,3 euros/m² entre setembro e novembro, menos 5,3 euros/m² do que o valor de renda de um escritório (15,6 euros/m²).

As rendas das casas só superam a dos escritórios em nove das 19 grandes cidades analisadas (nesta análise não há amostra significativa para

Portalegre).

Estes dados sugerem uma recuperação e valorização do mercado de escritórios depois de um período conturbado pela massificação do teletrabalho e menor investimento perante os elevados custos de financiamento bancário.

Transformar escritórios em casas para, depois, colocar no mercado de arrendamento pode sair mais rentável em Évora (+6,1 euros/m²), no Porto (+4,2 euros/m²), Lisboa (+2,5 euros/

m²), em Faro (+1,8 euros/m²) e em Coimbra (+1,8 euros/m²), mostram ainda os dados do idealista/data.

Em Castelo Branco, Guarda, Braga e Viana do Castelo também as rendas das casas superam as rendas dos escritórios, mas esta diferença é igual ou inferior a 1 euros/m², pelo que será importante avaliar bem se compensa avançar com a conversão do uso dos imóveis. Aliás, um dos primeiros passos passa mesmo por verificar se o imóvel é convertível ou não.